

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ANTE-ESTREIAS
9 de dezembro de 2025

ORLANDO PANTERA / 2025

Um filme de Catarina Alves Costa

Realização: Catarina Alves Costa / Fotografia: Joana Fernandes / Som: Olivier Blanc / Montagem: Pedro Mateus Duarte / Produção: Laranja Azul / Produtor: Daniela Vitorino, Alan Minas / Cópia: DCP, 107 minutos, versão original legendada em português.

Tenho a certeza de que não vou ver mais nenhum génio como ele. Só há dois ou três num século. Foi um cometa: passou para dar luz. Acho que vai inspirar muitos jovens. A sua maneira de ser, de estar, de viver, a sua gentileza... era quase patético, o talento dele era tão imenso... Cabo Verde não vai ter um artista assim nos próximos 50 anos.

Elísio Lopes, Morabeza Records

Orlando Pantera, nome artístico de Orlando Monteiro Barreto, nascido a 1 de novembro de 1967 em São Lourenço dos Orgãos, ilha de Santiago - Cabo Verde.

Pantera é hoje um mito. Dele se conta que era alegre, generoso, que reinventou a música caboverdiana, um génio. Por todo o lado, as pessoas lembram-no. Artistas como Mayra Andrade, Lura, Princezito ou Tcheka, envolvidos já no projecto deste filme, são hoje considerados a *geração Pantera*. A ele foram buscar uma alma, uma relação com o mundo ancestral e afro da sua cultura, um herói. Orlando Pantera era um músico cabo-verdiano, falecido apenas com 33 anos, sem gravar nenhum disco próprio.

A sua história é a de alguém que esteve sempre nos bastidores, mas que estava em ascensão quando, uma semana antes da gravação do seu primeiro disco, morreu.

Este filme resgata-o do anonimato, a partir de um uso criativo de arquivos recolhidos pela filha de Pantera, ao longo de vários anos. Conta ainda com gravações inéditas, material de arquivo de residências artísticas nos anos 1980, tudo isto articulado com uma viagem, hoje, aos meandros da alma caboverdiana que Pantera representa. Um documentário que se quer cinematográfico e poético, uma viagem sonora, em que as entrevistas são desabafos, com narrativas várias em *off* sobre elementos que misturam arquivos pessoais, videoclips, fotografias que são levadas pela personagem central, a filha de Pantera, ao encontro dos locais e das figuras que, contemporaneamente, lhes devolvem a alma.

O gesto cinematográfico é intimista. Inspirado nos arquivos e fotografias dos anos 80 e 90, quer captar o calor dos trópicos, as cores fortes e os cenários pintados das tocatinas e dos bares das ilhas de cabo verde. Tons quentes, numa viagem ao lado trágico da vida, subitamente interrompida de Pantera.

Este filme procura resgatar uma voz de Cabo Verde, até hoje anónima mas, ao mesmo tempo, leva-nos ao âmago da procura de uma filha por um pai que podia ter sido uma estrela, mas acabou por ser um mito.

Durante grande parte da sua vida, Orlando Pantera compôs e escreveu músicas para outros actuarem. Manteve-se na retaguarda. Trabalhou sempre com crianças órfãs, como educador social e usando a música como ferramenta pedagógica. Sabemos que ir para Lisboa, três anos antes de morrer, não foi fácil: a integração na cena musical lisboeta foi complicada, mas o espectáculo em que actuou um sucesso mundial. Decide voltar a Cabo Verde, e escreve "Despedida" em que fala da "dor que não o deixa dormir", e "de não ter feito nada do que queria fazer".

Não se trata aqui tanto de uma viagem nostálgica, mas antes de uma deriva cinematográfica ao encontro deste personagem, que, com todas as dificuldades que viveu, é considerado hoje como o mais importante impulsionador de uma nova geração de músicos que quer voltar às raízes afro. Musicava os homens e mulheres do campo, o amor e suas desilusões - "sou cabo-verdiano", lembrava. Desenterrou géneros tradicionais da ilha de Santiago esquecidos pelas gerações pós-independência e, sem os reproduzir, mas respeitando-os, criou o seu estilo, admirado por consagrados e jovens. Por isso, esta é também uma viagem pela essência da cultura cabo-verdiana, e da portuguesa como uma espécie de espelho pós-colonial.

Em 2000 realizei o filme *Mais Alma* que trata da cena artística das várias ilhas. Neste filme, Pantera tem uma aparição fugaz. Pantera morreu quando eu estava a montar o filme. A sua única filha, Darlene, tinha 6 anos. Muitos anos mais tarde, procurou-me em Lisboa e já com 24 anos me quis conhecer. As memórias do seu pai começaram na família, com histórias ouvidas pela mãe e familiares, mas foram estas imagens, guardadas em CDs na casa da Assomada, que constituíram uma das suas reminiscências mais fortes do pai. Este filme é dela. *Uma filha procura resgatar o que foi o seu pai e faz um percurso pelos lugares e pessoas que o conheceram.*

Darlene recolheu todos os arquivos que encontrou, andou durante anos a perguntar a tias, a avós, a vizinhos. Procurou fotografias, gravações, os lugares onde passou a família, e partimos agora com esses materiais, e também as gravações inéditas que fiz em 2000, à procura de lhes dar uma nova alma e recuperar essas memórias. Sinto que fez sentido ter sido eu a fazer este filme.

Catarina Alves Costa
9 dezembro 2025